

Editorial

Prezados Leitores,

Infelizmente não se pode proceder em uma revista acadêmica como fazia Bataille na sua *Documents*. Isso para dar o melhor dos exemplos. Mas não estaríamos nisso se não houvesse outras formas de felicidade. Um editor acadêmico tem poderes relativos e seus prazeres decorrem da possível qualidade vinda da aleatoriedade. Ele pode insistir que as coisas aconteçam de certa forma, com o prazer de propor dossiês ou mesmo de estabelecer um estilo a partir dos mundos intelectuais que frequenta, mas o coração é ser premiado pelo acaso.

Por isso os editores da REP nunca sabem com o que vão se alegrar. Fazemos um trabalho de amparar o lance de dados. Ele existe principalmente na escolha criteriosa dos pareceristas. Assim, todos os nossos editoriais precisam festejar essas presenças invisíveis. É deles a REP, mas não são revelados. Se muitas revistas de ciências sociais hoje recusam artigos de teoria e pensamento político brasileiro, principalmente em suas dimensões especulativas, o abrigo que a REP oferece se deve ao fato desses heróis sem nome aceitarem ler artigos imensos e de linguagem que compõe a tese que é enunciada. Estão dispostos a enfrentar a dor de ler o que não é cartorial. Eles se dão o trabalho de aprender autores que ainda não são clássicos e que talvez jamais sejam. Esta poética intensamente nos anima.

A REP é uma revista com abrigo institucional, ela é ligada ao Laboratório de Estudos Hum(e)anos. Já utilizou recursos da FAPERJ e nesses últimos números dispõe de alguma ajuda do CNPq. Dito, ela é o esforço e o investimento vital e financeiro dos seus editores. Ela vai entrar em dia dentro em pouco. Mas é importante que os seus leitores saibam que ela é um sonho e não uma operadora de telefonia móvel. Isso quer dizer que agradecemos a paciência e a confiança com lágrimas nos olhos. Em dia, em dia, é o nosso mantra atual.

Alguns nomes podem ser pronunciados: Rony Farto, Lyedja Andreza Moreira, Hugo Arruda e Luana Heyse. Esses são os nossos queridos revisores. Carlos Henrique Rebello e Cristina Rebello fazem a programação eletrônica. A todos, muito obrigado pela paciência com alguns atrasos de pagamento. Não sabemos se é o caso de falar nisso num editorial, mas é o Brasil da atualidade. Por fim, os editores que assinam são silenciosos. Uma entrevista aqui. Um convite ali. Não mais do que isso. A REP não é um manifesto, é uma carinhosa colcha de retalhos em suas sutilezas. A nossa revista é a teimosia de toda uma comunidade intelectual. Se somos, por vezes, reduzidos a gestores de nossas carreiras, dá gosto de perceber o gosto de muitos pelo bom sacrifício.

Os Editores

Editorial [133 - 134]

Artigos
Articles

Teorias e práticas do poder como violência: reflexões a partir de Benjamin, Derrida e Agamben [135-153]
Eduardo Moura Pereira Oliveira

Clausewitz no Exército Brasileiro: o impacto das guerras e do profissionalismo militar (1889-1918) [154-178]
Carla Cristina Wrbieta Ferezin

Guizot, Tocqueville e os princípios de 1789 [179-201]
Felipe Freller

O arcabouço institucional das reformas econômicas da China – um olhar sobre o papel do Estado no desenvolvimento [202-229]
Rafael Shoenmann de Moura

Felizes os que creem [230-255]
Paulo Roberto dos Santos Corval

Resenhas
Book review

***Sovereignty as symbolic form*, de Jens Bartelson [256-259]**
Wagner dos Santos Martins
